

A civilização como projeto jornalístico: as imagens da música nos diários de Santos e São Paulo entre 1860 e 1920

Diósnio Machado Neto - dmneto@usp.br

Universidade de São Paulo - Campus de Ribeirão Preto – Brasil

Desde a segunda metade do século XIX, os periódicos no Brasil tornaram-se veículos fundamentais de difusão da cultura artística. Respondiam não apenas aos novos modelos de socialização onde o lazer passava a ser uma atividade que crescia em importância, mas também aos conceitos de boa educação, onde o gosto era pragmatizado. A veiculação de notícias sobre arte e até mesmo a publicação de partituras ou matérias pedagógicas passaram a ser frequentes e se intensificaram com o passar do tempo. A recepção das artes alinhava-se ao entendimento de que uma nação que se pretendia apta ao desenvolvimento comercial e industrial deveria ilustrar-se nos protocolos da tradição europeia do gosto. O jornalismo, arauto do desenvolvimentismo, estimulava a tendência incorporando ao projeto editorial colunas, seções e ilustração sobre as artes, mas principalmente sobre a música e músicos. Este perfil fomentou, ademais, o surgimento de alguns “jornais nânicos” dedicados exclusivamente à “cultura artística”, como “A tesoura” (veiculado no biênio de 1876 - 1877); “A Arte” (1896); a “Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras” (1877); “Revista Santos Ilustrado” (1903); para citar algumas. Assim, o periodismo configurou tendências e estimulou alterações na construção subjetiva da música e da imagem pública do músico. Através da imagem, divulgava-se a música não mais nos cânones do mestre de banda cujo trato módico refletia a indigência econômica herdada da colônia, ou do músico dileitante simbolizando a indolência dos trópicos, cristalizado sempre com sua viola acompanhando o canto para diversão em espaços conspurcados; realidade que por si só seria contrária à razão desenvolvimentista. Ademais, a retratação da mulher como músico igualmente ganhava espaço e ajudava na locação da música como elemento de elevação crítica. O objetivo dessa comunicação é compreender a dinâmica de

formação de uma vida urbana no Brasil e suas imbricações imagéticas com as consolidações da recepção e prática da música. Nesse sentido, apresentar os cânones iconográficos que representaram esse momento de redefinição do exercício da música torna-se fundamental para consubstanciar a visão da época, com seus desejos e fantasias. Especificamente, a comunicação visa estabelecer os padrões nas quais a atividade era representada. Como suporte à redação, a iconografia poderia por vezes atuar fortemente na subjetivação da atividade pela construção da imagem do músico e da música. Da mesma forma, a iconografia jornalística serviu de forte elemento pedagógico, divulgando inclusive textos didáticos com desenhos em forma de “comics”. Assim, o trabalho explorará desde a incorporação das fotos das divas das óperas como das sinhazinhas que faziam de sua exposição pública ao piano e ao canto a razão social da música. Ademais, apresentará uma coleção de “comics” publicadas nos primeiros anos do século XX e que tinha a intenção de biografar os grandes nomes da história da música. O recorte metodológico é o binômio Santos-São Paulo, entre 1860 a 1920. A justificativa é que o porto e o seu entreposto distribuidor representaram na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX o principal modelo de transição socioeconômico do Brasil. Impulsionado inicialmente pela agricultura, as duas cidades atravessaram um radical processo de transformação das estruturas sociais que tinha como marco a necessidade de transformação crítica da população para operar os novos padrões da vida dentro de um modelo de capitalismo avançado. A importância dos periódicos cresceu vertiginosamente, transformando-se no principal veículo da apologia desenvolvimentista. No processo de alinhamento ao capitalismo necessário ao comércio exterior o jornalismo tornou-se instrumento de fixação de uma elite e na formação imagética dessa sociedade – o jornalismo como alter ego da sociedade. A iconografia musical articulava-se nesse processo para a transição para as formas europeizadas de vida. Forjava até mesmo o conceito de valor estético, o que justificaria a publicação de “comics” sobre História da Música. Em síntese, como modelo de desejo e fantasia, ou realidade transmitida para a forja das estruturas imagéticas que deveriam reger a civilidade desejada, a iconografia musical refletia em certa medida a forja dos modelos discursivos de sofisticação e alinhamento à cultura da burguesia comercial que, depois de décadas da Independência política (1822), por fim estabilizava seus lastros de influência e poder.